

***O REI-SAUDADE***

(monólogo)

“Dramatis Personae”

Infante / Pedro

Castro

Pêro Coelho

*Banda sonora: **Theatrum**, Rodrigo Leão & Vox Ensemble, Sony Música Portugal, 1996*

*Proposta cenográfica:*

*Criar um artifício cénico que sugira ao espetador a situação de que se encontra a assistir a uma experiência científica, para avaliação do comportamento do ator-personagem, que se encontra numa redoma, como uma cobaia.*

*Esta situação teatral (que integra também os espetadores) poderá ser apenas subtil, ambígua, de modo a que a sua verdadeira intenção só seja confirmada na CENA XIII, antes ou durante a entrada dos dois figurantes.*

## CENA I

*Na escuridão ouve-se a música **Salve Me Lucto** durante alguns momentos. Em fade in, um foco vai iluminando, exclusivamente, o rosto do ator. Gradualmente, a música baixa, para que o ator profira a réplica seguinte.*

### [PEDRO – INFANTE]

Como poderei ver aqueles olhos  
Cerrados para sempre?  
Aqueles brancos peitos trespassados  
De golpes tão cruéis? Aquele corpo,  
Que tantas vezes tive nos meus braços  
Vivo, e fermoso, como morto agora,  
E frio o posso ver?... Meu amor,  
Já me não ouves? Já não te hei-de ver?  
Já te não posso achar em toda a terra?..  
Eu te matei, senhora, eu te matei.  
Com morte te paguei o teu amor.

*Em simultâneo, há fade in de dois focos: um ilumina a esquerda baixa, onde está um caixote retangular (com as dimensões normais de um corpo humano) tombado, com o vestido de Inês em cima; outro foco ilumina a direita baixa, onde está um outro caixote idêntico, também tombado, com o manto de Pedro. Posteriormente, quando colocados na vertical, estes caixotes têm a função de cabides de pé alto, onde estão dispostos os figurinos.*

*Como os focos têm um diâmetro reduzido, os espetadores não se apercebem da simbologia da disposição cénica dos cabides, o que só acontecerá na cena seguinte.*

Tu, senhora, estás lá nos Céus, eu fico  
Em quanto te vingar: logo voo.  
Tu serás cá Rainha, como foras.  
Teu inocente corpo será posto  
Em estado Real: o teu amor  
M'acompanhará sempre, té que deixe  
O meu corpo co teu; e lá vá est'alma  
Descansar com a tua para sempre.  
(*Há fade out da música.*)

## CENA II

*Começa a música **Contra Mundum** e acendem-se vários focos, que iluminam todo o espaço cénico. Os espetadores apercebem-se de que, para além do trono, os dois caixotes, um de cada lado, estão tombados, mas em frente um do outro (tal como a disposição dos túmulos em Alcobaça). No centro, junto dos pés do trono, está uma coroa com dimensões exageradas, em formato de mão aberta, em súplica. No chão, mesmo em frente do trono, está o manto de Pêro Coelho, representando um corpo morto.*

*O ator vai proferindo frases adequadas<sup>1</sup> a essa movimentação escrupulosamente organizada: ora relacionadas com Pedro (enquanto organiza a disposição cénica do caixote e veste o manto), ora com Inês (durante os mesmos procedimentos), ora com Pêro Coelho*

---

<sup>1</sup> Poderão ser as mais representativas das que estão referenciadas nas Cenas X a XII.

(durante a movimentação em que se relaciona com o seu manto e o pendura no caixote onde antes estava o seu). Essas réplicas acompanham o ritmo da banda sonora, como uma lengalenga.<sup>2</sup>

O ator, totalmente vestido de preto, organiza o espaço cénico. Primeiro, levanta o caixote da direita baixa, coloca-o mais à direita de cena e veste o seu manto. Quando se vira para o centro do espaço cénico, olha o manto de Pêro Coelho, levanta-o, abre-lhe as mangas, como um corpo crucificado, e leva-o até ao caixote do lado direito (o que antes tinha o seu manto), onde o expõe. Fica a observá-lo durante uns momentos, antes de regressar ao trono.

Vai para a frente do trono, observa todo o espaço cénico, para verificar se todos os elementos estão devidamente organizados. Vira as costas aos espetadores e, como num ritual de coroação, coloca a coroa na cabeça. (Exagerada, a forma da coroa, em mão aberta, torna-se ridícula e poderá provocar o riso nos espetadores. Por isso, o ator reage a esses risos e opta por colocar novamente a coroa onde estava, junto dos pés do trono.) Quando se vira, solenemente, faz um gesto largo com a mão direita, dando a entender que se encontra perante os seus súbditos. Depois de olhar o vestido, em cima do 'túmulo' durante uns momentos, visivelmente comovido, senta-se no trono.

Fade out da música.

### CENA III [PEDRO]

(Dirigindo-se aos espetadores) Vou dizer-vos um segredo para vos mostrar uma vez mais como vos quero. Ninguém o sabe. Só ela e Deus. Ninguém mais... Vós sabeis por que não durmo há já seis noites, saio a bailar mais triste que a tristeza e não deixo dormir os meus falcoeiros para correr montes em batidas doidas?... Vós conheceis-me. Vós sabeis que é bem outra a minha caça, e desde há muitos anos já, há muitos anos... (Olha o cabide de Inês.)

(Mudança brusca de ritmo, empolgado.) Firmei pela calada com el-rei de Castela, meu sobrinho, a avença que vós sabeis. Está cumprida. Mais um momento só e serão meus. Já mesmo o são, não tardam. Vós vereis. Dei sentença de traição contra eles, como réus contra mim e o meu estado. Vós vereis. Há sentinelas por todos os caminhos. Vêm avisar-me logo que os avistem. E eles vêm aí!... Hein! Boa caça... (Silencia-se, olhando os espetadores. Levanta-se, desce o pedestal e ocupa o centro de cena. Com solicitude.)

Vós calai-vos?... Falai! Não tendes nada a temer. Vós conheceis-me. Falai confiadamente. Dizei. Dizei, que eu adivinho bem o que pensais... Pensais que, quando Infante, fiz acordo com el-rei, com el-rei meu pai, de perdoar aos matadores de D. Inês?... E agora, depois de juramentos e promessas, não cumpro o que prometi. Não cumpro o que prometi e que sou perjuro. (Pausa. Desolado.) Perjuro!... Conheceis vós a minha fé?... Como sabeis então se perjurei?... Eu vivo pró Amor e prá Justiça... Vós, o meu povo... vós, a minha corte... só conheceis de mim o Justiceiro. Mas para além da Justiça, e bem mais alto, há um rei que vos fala e não conheceis, que é rei de Portugal e anda na Morte porque é nela que vive o seu amor... O meu paço real, o verdadeiro, é uma cova num claustro, em Santa Clara. Há mais sol nessa cova que no céu... O vosso rei, que por amor da Justiça é até carrasco, o vosso rei... quando o vedes assim... Ouvi, ouvi bem e calai o que vos digo... O meu reino é maior do que pensais. Portugal é uma província apenas. O meu reino de segredo, sem fronteiras, o meu reino de amor abrange a Morte e a sua natureza de mistério... (Olhando, comovido, o vestido) Há sete anos, há já sete anos... Desde que a minha Inês mudou para lá... O nosso amor tem duas asas... uma é a alma dela... outra é a minha... (Para

---

<sup>2</sup> Dependendo das intenções do encenador, a afetividade presente nessas réplicas poderá ser antagónica: representar distanciamento, como um mero exercício de memorização; demonstrar desde logo desequilíbrio emocional, alternando agressividade com paixão. As intenções destas propostas foram explicadas no Relatório.

*o auditório*) Agora compreendeis... compreendeis... Vedes bem o meu destino como eu?... Nenhum homem o teve igual. Ninguém amou com um amor tão alto... Ninguém... ninguém...

*(Mudança brusca de ritmo)* Voltando à minha caça... Tudo me diz - é uma voz que eu oiço dentro de mim! - que serão do meu carrasco antes do sol!... A noite ainda tem muito que andar... e eles também, decerto... *(Detém-se. Olha na direção da plateia, à sua esquerda. Um foco ilumina o vestido de noiva, que se encontra no cabide, à esquerda baixa.)* Acolá, está a levantar-se a lua... Vem tão tarde! É a nossa lua... é a nossa... Faz-me mais sede do que o sol de Agosto, depois de horas e horas a montear... Faz-me sede... sede... sede de sangue... sangue deles... Está a queimar-me a garganta... as veias... toda a carne... toda a alma... *(Controla a respiração ofegante.)* Calma. Calma, que a tardança agora é pouca.

*(Absorto)* A lua dela!... Começa a sua ronda. Nunca a esquece. E tem um olhar de sede... Eu sei... eu sei... não há fontes no céu para aquela sede... Vem morta de fadiga... está como eu... Não pode esperar mais!... As árvores... os choupos... sabem também... As folhas, ao luar, caem mais lento. Vou dizer-lhes... aos choupos, um a um; às árvores que a lembram e a amaram... às folhas secas... Vou dizer-lhes que esperem mais um pouco... *(Olhar enlevado para o vestido)* Espera mais um pouco, meu amor! -, que eles vêm aí, que estão perto já... eles estão perto já... *(Detém-se e põe-se à escuta durante momentos.)* Não ouvís um tropel?... Não ouvís um tropel?... *(Apurando o ouvido, desiludido)* Cuidei... cuidei... Mas agora vejo que não... Era a minha ânsia que os punha a galopar para Tristão, o meu carrasco.

*(Silêncio por momentos. Depois, em tom de segredo, demonstrando preocupação de que mais ninguém o oiça)* Mas falava-vos há pouco num segredo... Que o não será por muito tempo... Eles vêm... Esta noite ainda. Bem. Eles vêm. Dentro em pouco, vêm os homens de atalaia prevenir-me. Mando acordar o meu carrasco. Depois... mas não é este o meu segredo. Sobre isto, está já tudo meditado. Tudo, tudo. *(Tremendo de ansiedade)* Ora vede que justiça foi feita. Então, a paz de Deus virá sobre a minha alma. Logo... logo depois de os justiça, vou erguê-la da cova... à minha Inês. *(Enlevado, olha o vestido)* Vou bater à cova dela e chamo: Inês... É em Santa Clara, aqui pertinho... É por lá que se vai para o outro reino... Depois a coroação da vossa Rainha... de Inês... do meu amor... *(Pausa. Como se enfrentasse alguma crítica dos seus interlocutores)* Não... não vou violar a Morte!... É uma ressurreição. Não por mim, mas pelo Amor, como a de Cristo. E sem temor. Eu vou com o meu Amor como com Deus. Nenhum homem, nenhum rei, ninguém na terra ousou... Porque ninguém na terra amou como eu... *(Mudança brusca de ritmo)* Vede!... vede a lua!... Tem a face de Inês... da minha Inês... exangue... como eles a deixaram... Vão as nuvens cobri-la... *(Fade out do foco que ilumina o vestido.)* Entendeis, entendeis o sinal? Estão perto... quer dizer que eles estão perto... Escutai: ouvís alguma coisa...

*(Começa a música Dies Irae, que se mantém como música de fundo até ao final da cena.)*

*(Ansioso)* Tenho a certeza agora... Agora é certo. Não são as folhas secas nem o vento. São cavaleiros. É um galope, ouvís?... Pam-pam! Pam-pam!. Parece que oiço o coração da terra a bater com o meu, ao mesmo tempo!... Pam-pam! Pam-pam! *(Novamente à escuta, junto do proscénio. Vai narrando o que aparenta observar.)*

*(Eufórico)* Agora sim, tenho razão... São dois, dois cavaleiros. Dobram agora a curva do caminho... Agora só os oiço, não os vejo... Daqui por alguns instantes estão no pátio. São os homens de atalaia, certamente... Chegaram. Agora mesmo. *(Como se dirigisse ordens a alguém.)* Que venham já! Vou dizer-lhes que os espero, que velei toda a noite em honra deles... *(Apagam-se as luzes. Na escuridão ouve-se a ordem:)* Mandai chamar Tristão, o meu carrasco. *(Há fade out da música e da luz.)*

## **CENA IV**

*Começa a música Ruínas.*

*Entretanto, lentamente, um foco ilumina o vestido de Inês, o ator dirige-se para o caixote e, emocionada e cuidadosamente, faz-lhe uma vénia Apaixonado, retira o vestido do cabide, e, entretanto, retira uma rosa vermelha que está pendurada e oferece-lha. Aperta o vestido contra si, como se o abraçasse, e caminha com ele até ao centro de cena, na mesma linha do trono. Depois, em pé, fala-lhe como se fosse um diálogo com Inês.*

*A música baixa, mas mantém-se audível.*

[CASTRO]

Senhor,  
Soam-me cruéis as vozes deste povo;  
Vejo a força d'el-rei e todo o império grave  
Armado contra mim e contra a constância  
Que em meu amor até agora tens mostrado.  
Não receio, senhor, que a fé tão firme  
Queiras quebrar a quem tua alma deste;  
Mas receio que mais possa a fortuna  
Com seu furor que tu com teu amor brando.  
Assim disse eu.

*O ator abraça o vestido, como se abraçasse Inês.*

Ele, estreitando-me fortemente  
Nos seus braços, tentou em vão acalmar  
Os meus medos e as minhas lágrimas.  
E pode, ó D. Inês, pode o teu peito  
Conceber tal receio? Aquele primeiro dia  
Que te vi não mostrou logo  
Que esta minha alma só à tua alma se deve?

*Como o ator segura o vestido pelas mangas compridas, dá a ilusão de serem duas personagens. A rosa, como um coração ou uma oferenda, que é entregue por Inês e recebida por Pedro, contrasta com o branco do vestido.*

Não poderá nunca a Fortuna, nem os homens,  
Nem as estrelas, nem os planetas, nem os fados,  
Separar-me de ti por arte ou por força!  
Na tua mão deponho firme e segura  
A minha alma.

*Senta-se com o vestido. Através de olhares e de intenções comunicativas, o público terá de aperceber-se de que o interlocutor do ator-Inês já não é Pedro mas D. Afonso IV.*

*Mantêm-se os focos que iluminam o ator e o trono e acende-se outro, embora com menor intensidade, para iluminar o caixote, à direita baixa, onde está exposto o manto de Pêro Coelho. Debruça-se, dando a entender que Pedro está deitado a seu lado.*

Deus te guarde, senhor!  
Parece que algum mal te detém,  
Algum mal grande.  
Arranca-se a minha alma de mim mesma,  
Parece que quer voar para onde estás!  
Eu fico.

*Soergue o rosto, denunciando o seu orgulho perante a iminência da sua morte. O seu olhar enfrenta o “Rei Afonso IV” e os “Conselheiros – Pêro Coelho”, supostamente atrás de si, junto do trono.*

Eu fico só, mas inocente.  
Não quero mais ajudas, venha a morte!  
Morra eu, mas inocente.  
Meu senhor, não me ouves?  
Ouve minha razão, minha inocência.  
Culpa é, senhor, guardar amor constante  
A quem mo tem? [...]  
Amei teu filho,  
Não o matei. Amor, amor merece.  
Estas são minhas culpas; estas queres  
Com a morte castigar? Em que a mereço?  
Pergunta-te a ti mesmo o que me fazes;  
A causa que te move a tal rigor.  
Vê que forças podia eu ter  
Contra tamanhas forças,  
Ainda que o grande amor nunca se força.  
Paguei-lhe aquele amor com outro amor.  
Igualmente foi sempre entre nós ambos;  
Igualmente trocámos nossas almas.

*Repete a gestualidade que denuncia que Pedro está adormecido a seu lado.*

Ah! Vejo-te morrer, meu senhor, por mim.  
Meu senhor, já que eu morro, vive tu;  
Isto te peço e rogo: vive!, vive!

*Dirige o olhar, ativo, para o caixote onde se encontra a túnica de Pêro Coelho. Convictamente, ainda ajoelhada, profere:*

E pague minha morte seus desastres,  
Tal como alguns o desejam.

*Levanta o braço direito até acima da sua cabeça e deixa cair as pétalas da rosa que, entretanto, desfolhara.  
Escuridão total.*

## CENA V

*Começa a música **Odium**, que se manterá durante esta cena.*

*Há fade out do foco que iluminou o ator durante a cena anterior. Na penumbra, este deixa o vestido tombado, mas estendido (como um corpo morto) em frente do trono. Dirige-se ao caixote e veste o manto de Pêro Coelho por cima do seu. (É assumida perante o público esta situação ‘estranha’.) Vai até ao trono, coloca a coroa no assento e depois coloca-se atrás do trono, em pé, do lado esquerdo.*

*Retira-se intensidade ao foco que identificou o caixote de Pêro Coelho e valoriza-se o foco do trono. O ator tem de dirigir o olhar dos espetadores de modo a que estes percebam que D.*

*Afonso IV está sentado no trono, simbolicamente representado pela coroa, ouvindo os argumentos do seu conselheiro, cuja proferição contraria a indecisão e o sofrimento do rei.*

*Durante o texto, o ator olhará, vingativo, o vestido de Inês.*

**[PÊRO COELHO]**

Senhor, para que é mais? Morra esta dama!  
Senhor, morra por salvação do povo.  
Não é crueldade matar quem não tem culpa  
Porque tu podes mandar matar muitos  
sem culpa mas com causa.  
O bem comum, senhor, tem mais razões  
Que justificam obras duvidosas.  
Não vês? Não ouves?... Quantas vezes morrem  
Muitos que não o merecem?..  
Deus assim o quer pelo bem que se segue.  
Não temas deixar nome de injusto.  
De justo deixarás, pois te aconselhas  
Com os juízos dos teus leais e prudentes.  
A parte que nos cabe deste feito  
A nós a entrega toda, que somos obrigados  
A aconselhar-te o que achamos justo  
Em serviço de Deus e bem do povo.  
A nossa intenção nos salve.  
O engano, se é nosso, só sobre nós caia.  
Descarrega sobre nós esse teu peso.  
Eu tomo a minha parte, ou tomo-a toda.  
Temos alma e honra, senhor, e estas ambas  
A ti se devem e a ti as damos.  
São estas que nos aconselham.  
Bem vês que grande mal é o nosso  
E o que fazemos:  
Aventuramos nossas vidas e fazendas  
Que em ódio de teu filho ficarão sempre,  
Sob os seus pés e a sua ira ficaremos.  
Mas percamo-nos nós, percamos nossas vidas,  
Mesmo que a fúria de teu filho nos persiga!

*Pausa, dando a entender que está a ouvir a argumentação do rei, com a qual discorda.  
Recupera a mesma intenção vingativa.*

Nem sempre perdoar é piedade.  
Senhor, por teu estado te pedimos:  
Pelo amor de teu povo que te ama;  
Pela vida e honra de teu filho,  
Nosso Príncipe, e por Fernando,  
Seu único herdeiro, cuja vida  
Te está pedindo justamente a morte  
Desta mulher.  
Deus nos julgue, se te parece injustiça  
Assim matar quem não tem culpa.

*Nova pausa. Um sorriso malévolo confirma que o rei, finalmente, se deixou persuadir e concordou com a morte de Inês.*

Essa licença basta. A nossa intenção  
Nos salvará com os homens e com Deus.

*O ator desce do pedestal, caminha em direção ao caixote de Inês, tomba-o e deixa-o na posição que tinha no início. Depois vai até junto do vestido, coloca-se de costas para os espetadores e, com um gesto brusco, dá a entender a degolação da Castro. Fica assim durante breves momentos. Depois, estranhamente, com cuidado extremo, levanta-o, leva-o nos braços e deposita-o em cima do túmulo. Fica a velá-lo durante alguns momentos. Começa a música **Locus Secretus**, que se manterá durante o início da cena seguinte.*

*Inesperadamente, cambaleando, ofegante, como se tivesse feito um grande esforço, o ator vai até junto do caixote da direita, despe, tremendo, o manto de Pêro Coelho e fica com o de Pedro, olhando o trono e o túmulo de Inês, alternadamente.*

*Há fade out da luz.*

## **CENA VI**

### **[PEDRO]**

*A música mantém-se durante o percurso que o ator realiza, como Pedro, até ao trono. De costas, retira a coroa do assento, repete a gestualidade da CENA II e, mais uma vez, recusa coroar-se e coloca-a no chão, junto dos pés do trono. Vira-se de frente para os espetadores e fica em pé, altivo, para receber os “conselheiros”; ou seja, enfrenta o caixote com o manto de Pêro Coelho.*

*No “diálogo” seguinte, entre Pedro e uma “miragem” de Pêro Coelho, o ator deve demonstrar que já conhece de “cor” todos os argumentos deste, como se já os tivesse ouvido várias vezes. Assim, pontualmente, também se notam momentos de impaciência da personagem Pedro, como se pretendesse encurtar ou acelerar a argumentação do conselheiro.*

*Há fade out da música.*

*(Neste início do discurso é visível o sarcasmo: na gestualidade, nos sorrisos, no ritmo das réplicas.) Bem-vindos... bem-vindos... Dizei, achais-me estranho?... Um pouco?... Pensáveis: vai cair sobre nós como um falcão. E aqui me tendes, todo cortesia...*

*Bem. Conversemos... São negócios de Estado os que tratamos. Porque – não é verdade? – não sois assassinos. Éreis os conselheiros de meu pai... os amigos fiéis de el-rei meu pai... o mesmo a quem jurei perdoar-vos... Sim, que tínheis vós que perdoar?... Sois grandes... nobres portugueses. Pêro Coelho, vais contar-me como vieste, por amor ao reino, com meu pai... Não é verdade, porque foi para salvar o reino, de Castela... Bem. Conta-me pois. Eu vou ouvir-te. Vou ouvir-te com devoção, com beatude. Conta, conta. A ideia, já se vê, foi de meu pai... Sim, sim... Ele pensara-a sem se atrever a dar corpo ao pensamento... mas lutou consigo mesmo durante muito tempo... Foi só depois de vos ouvir... por muitas vezes... Sim, sim... foi só depois de vos ouvir por muitas vezes... Até que veio o instante em que o amor ao reino em perigo foi maior que o amor que ele me tinha... E era bem pensado, o amor que ele me tinha. *(Descontrolado)* Foi o que aconteceu: perdi o reino! *(Aponta o “túmulo” de Inês. Sarcástico, como se repetisse as réplicas de Pêro Coelho)* Mas D. Inês está morta e isso me permitiu ser bom rei. Enterrou-se com ela o desvairo. *(Revoltado)* É um cadáver que me escora o trono!... Amo-a mais ainda! Eu tenho a saudade mas o reino tem a vida! *(Controla-se.)* O resto é comigo e com Deus, não é contigo.*

*(Está ofegante. Transpõe esse cansaço para o seu suposto interlocutor. Sarcástico:) Estás cansado, bem vejo. Um pouco mais, um pouco mais ainda. Tem paciência. Prometo-te – palavra*

do teu rei! – prometo-te muito... muito tempo de descanso... Então, faz um esforço... Conta. *(Levanta-se e dirige-se para o cabide onde está o manto de Pêro Coelho. Num ritmo de lengalenga onde não há, realmente, uma intenção comunicativa assumida, vai repetindo as réplicas seguintes, como se verbalizasse um discurso já várias vezes ouvido.*

*A música **Locus Secretus** ouve-se baixo.)*

Foi o que aconteceu: perdi o reino! Mas D. Inês está morta e isso me permitiu ser bom rei. Enterrou-se com ela o desvairo. É um cadáver que me escora o trono!... Amo-a mais ainda! Eu tenho a saudade mas o reino tem a vida! O resto é comigo e com Deus, não é contigo.

## CENA VII [PÊRO COELHO]

*Enquanto vai repetindo as frases anteriores, mais uma vez, o ator veste o manto de Pêro Coelho por cima do que tinha, o de Pedro (os espetadores serão tentados a pensar que se tratou de engano cénico...). Estranhamente, tal como Pedro fez com Inês na CENA IV, retira uma rosa vermelha, que está pendurada no caixote, e fica com ela na mão, olhando-a em alguns momentos do seu discurso. Depois, demonstrando novamente cansaço, assume a postura de Pêro Coelho, junto do proscénio, e olha para o trono, enfrentando, supostamente, Pedro.*

*No discurso do conselheiro a emotividade é inconstante: ora altivo, orgulhoso, enfrentando Pedro; ora compreensivo e compadecido em relação aos sentimentos do seu rei.*

Pois seja assim. Sois vós que ordenais. Tudo se decidiu na mesma hora em que el-rei vosso pai teve por certo que à vossa roda os Castro conspiravam. Era junto de vós, na vossa sombra, numa segunda corte de estrangeiros que vivia a adular-vos e a trair-vos.

Urgia conjurar o grande perigo, cortar o mal pela raiz. Já em Castela, de acordo com os de cá que vos cercavam, se formava um partido, se minava. Separar-vos dela era impossível. Vosso pai desesperava, não sabia... Tudo fora tentado, tudo em vão. Uma tentativa de expulsão fora frustrada; e a clausura no convento em Santa Clara, vós sabeis, meu senhor, o que foi... Tínheis ao pé de Coimbra os vossos paços... O amor tem luz de mais para poder ver. Vós não podíeis ver. Nem mesmo agora.

*(Começa a música **Nulla Vita**, que se ouvirá durante este monólogo.)*

Tudo se concertou em pouco tempo. Desde então, revivi tantas vezes esses instantes que me parecem séculos... Sabíamos que íeis montar e partimos de noite cerrada para perto. El-rei vosso pai, meu senhor, fazia dó. Tinha medo das sombras e do vento, até mesmo das folhas que pisava. Ele, que no Salado era de ferro, por duas ou três vezes quis desistir. Eu caminhava a seu lado e ouvi-lhe os soluços muitas vezes. Era o seu dever, o seu dever de rei que o levava de arrasto pela noite...

Caminhámos sem palavras durante muito tempo. Nunca vi tanta paz por esses campos. Por fim, chegámos. Os paços, no aconchego do pomar, dormiam como tudo à nossa volta. Ouvíamos a fonte no jardim... Ficámos assim por muito tempo. Eu pensava nos pobres que dormem muitas vezes a ouvir as fontes e tinha-lhes inveja, podeis crer... Assim passaram horas, não sei quantas... A manhã tinha de vir, e veio. Houve um rumor de porta sob o alpendre. Éreis vós, meu senhor, que íeis montar... Depois ela foi para vós, não sei o que vos disse, e ouvi-vos rir... Ah!, meu senhor, o vosso rir na inocência da manhã!... Descestes. Ela seguiu-vos com o olhar, debruçada. Acenou-vos um adeus lento e por um gesto triste que teve, compreendi que deixara de vos ver... Chamei por vosso pai. Disse-lhe baixo: “É agora, meu senhor, é a hora!” Ele hesitava, branco, cor de cera... Dois escudeiros que nos viram, reconheceram vosso pai e fugiram. Ela estava ainda sob o alpendre e olhava o outro lado do Mondego. Voltou-se então. Decerto ouvira os nossos passos... E toda a face lhe embranqueceu de tal maneira... Para que a compaixão não me dominasse, foi preciso, meu senhor, lembrar-me de que amava a minha terra, como ela vos amava e vós a ela... Vi que queria gritar e não pôde... O instinto de defesa fê-la olhar para o lado

onde vos sumistes... Fiquei paralítico de assombro: nunca vi nada assim, ninguém tão branco... Branca, branca, branca como o espectro de uma rosa branca... Decerto ficou menos branca quando morta... E cravara em vosso pai os olhos!... Bebiam-lhe a vontade, eu bem o sentia. Ele tapara os olhos com uma mão para não ver os dela... E sem palavras, vosso pai recuou, velho mais de cem anos, como em derrota, trôpego, perdido... Avancei para ela. Nem fugiu. Estava sem alma já. Estava convosco...

*Cambaleando, como se voluntariamente pretendesse ser supliciado, detém-se no mesmo espaço onde esteve a Castro, em frente do trono. Calmamente, quase mecanicamente, medindo os gestos, despe o seu manto e dobra-o à sua frente, suportando-o com o braço esquerdo. Pretende-se uma situação cénica semelhante à da Castro (na CENA V), dando a entender que o corpo está desfalecido, tombando para a frente.*

*Nesse momento, já como Pedro, o ator puxa o manto para si e, bruscamente, há um movimento do tronco, como se lhe tivessem cravado um punhal nas costas. Com a mão direita a tapar a boca, o ator controla um grito de dor. Inesperadamente, com violência, cospe as pétalas da rosa vermelha (que, entretanto, tinha colocado na boca). O ator, meticulosamente, deposita o manto de Pêro Coelho mesmo em frente do trono. Depois fica a olhá-lo, ausente, estático.*

*Fade out da música.*

### CENA VIII [PEDRO]

*Começa a música **Solitarium**, que se manterá durante toda esta cena.*

*Pedro está em pé, no centro de cena, no mesmo sítio onde Castro e Pêro Coelho foram supliciados. Um foco ilumina com pouca intensidade o “túmulo” de Inês. Embora fale na terceira pessoa, o ator mantém vestido o manto de Pedro.*

Quando a cova se abriu, todos tremiam. El-rei – ouvi-me bem! – el-rei D. Pedro pegou na enxada, que era a do coveiro, e ele mesmo, de joelhos, se pôs a tirar a terra...Vejam como ele lhe queria... lhe quer ainda! Pois em vida está D. Inês, bem em vida! Ouvi, ouvi o que vos contam. Há uma rainha agora em Portugal! Ou cuidáveis que uma morta ia reinar?!... Nenhum sino dobrou desde Coimbra e não vêm carpideiras; ninguém grita. Os sinos só dobram pelos mortos e ela nasceu segunda vez. (*Aumenta de intensidade o foco do “túmulo” de Inês.*) Ressuscitou!... El-rei queria-lhe tanto! Via-a sempre! Sempre, sempre! Com os olhos da saudade, que nunca dormem! Ressuscitou! E é a mesma que era! Tão formosa!... Ides vê-la sorrir, coroadada e linda; ides beijar-lhe a mão... (*Apregoando, como um arauto:*) El-rei D. Pedro vai levar Inês de Castro de Coimbra para Alcobaça. Podeis seguir-nos a Alcobaça. Ides beijar-lhe a mão, vê-la rainha. Ides ver esse olhar que conheceu a morte... A caminho!

### CENA IX [PEDRO]

*Silêncio por momentos. Começa a música **O Novo Mundo**, que tocará durante toda a cena. Há fade in do foco que ilumina o trono. O ator, Pedro, olha o manto de Pêro Coelho, a seus pés, e depois o ‘túmulo’ de Inês. Seguidamente, dirige-se para este e fica a velá-lo.*

*A música baixa ligeiramente.*

*(Enlevado, dirige-se aos espetadores) É ou não como eu vos disse, a minha noite?... Vede como tudo se calou para a sentir!... Eu sabia que quando Inês se erguesse, seria assim a noite. Não vos disse? Na noite das nossas bodas eu sabia que o Amor e a Morte se beijariam como dois irmãos. É esta, é esta a minha noite. Noite de Pedro e Inês! Oh minha noite!... Tudo o que eu*

sonhei... era assim mesmo: ir coroado de silêncio, ouvir o coração da natureza pregar o meu Amor para a eternidade!... (*Desolado*) Mas o meu reino?... O meu reino perdeu-se no nevoeiro e agora é isto a minha corte... uma corte de espectros!... (*Ganha alento, como se quisesse convencer-se da veracidade da sua informação, Com júbilo:*) Há uma rainha em Portugal! Há uma rainha em Portugal! Há uma rainha em Portugal!...

*Sobe a música O Novo Mundo.*

*Olha, emocionado, o 'túmulo'. Lentamente, levanta o vestido e, como se transportasse o corpo de Inês, inerte, nos seus braços, leva-o até ao trono. Durante este percurso há fade out do foco que iluminava o 'túmulo' de Inês.*

*Com cuidados extremos, "senta" o vestido no trono; coloca a coroa no assento, como se estivesse no regaço de Inês. Senta-se aos pés do trono, em adoração.*

*A música baixa ligeiramente, mas acompanha todo o monólogo.*

Inês!... Já me podes ouvir?... Inês!... Inês, o teu Pedro veio erguer-te, a vida agora é outra... A minha vida desflorou-se toda aos teus pés como uma flor... tal como as rosas que me deste... É a nossa hora, Inês... Estamos sozinhos... Estás bem assim? Tu ouves-me dormindo e eu fico aqui a teus pés... Dorme assim serena, meu amor, como aquela estátua ali, sobre o teu túmulo... Ouves os sinos repicar?... Tocam a noivado... As nossas bodas agora são eternas. Sinto na minha alma a tua alma... O último beijo que me deste em vida foi numa hora assim: caíam folhas... Foi nessa hora que eu nasci para a dor; foi na hora sagrada em que morreste que a minha alma nasceu para te adorar... Mil vezes, minha Inês, mil vezes sofri na minha carne a tua morte. Vivia com o teu corpo na memória – como um lobo no fojo com a presa. E então a minha dor – todo o meu gozo – foi reviver nesta carne o teu martírio. Tenho vivido assim o teu martírio... O teu sangue, amor, foi o meu vinho. A tua morte, Inês, foi o meu pão... Fugia ao sol, a luz envenenava-me... Queria estar só, bem só, murado em mim... O meu crânio era uma câmara de tortura: viviam lá dentro um carrasco e os assassinos. E o carrasco era eu, era o teu Pedro... O teu Pedro das noites do Mondego, que te enlaçava com estas mãos que ainda têm manchas de sangue... Os meus beijos... a boca ainda me sabe a sangue... sangue deles... E o sono não vinha... nunca vinha... E eu vi a Saudade ao pé de mim. Nunca mais me deixou: vivo com ela. Fez-se em mim carne e sangue: Fez-se Inês. Por isso sabes toda a minha vida. Por isso eu sei a Morte como tu. Sou o homem que viveu a vida e a morte. Sou o rei-Saudade. (*Delirante, repete:*) Sou o rei do maior reino... do reino que me deste, minha Inês... Se estou aqui junto de ti, tudo é bom... A minha dor, Inês, beijo-a nos teus olhos. Beijo-a como bejei a tua boca; como, cerrando os olhos na saudade, bejei a tua alma... Agora sei, Inês, agora entendo: morreste moça para viveres sempre moça na eternidade. Bendito seja o teu martírio!... Bendita tu, Inês, sempre bendita!...

*(Levanta-se, afasta-se do trono e ocupa o espaço central, junto do proscénio, mesmo à frente – o espaço da morte de Inês e de Pêro Coelho. Abatido:)* O meu reino lá foi, sumido em névoa... Adeus, salas de pedra dos meus paços... meu povo e minha corte... Onde estou eu?... Estou só contigo. Respiro o teu olhar: é luz... é o ar da minha alma... o teu olhar... E Alcobaça?... Alcobaça, onde está?... As altas naves?... E os sinos?... Os sinos a bailar no ar as nossas bodas?... Ainda os oiço... mas tão longe... É o princípio e o fim de todo o nosso amor... O som e a luz casaram-se, fundiram-se... são o ar que eu respiro... o nosso ar... Oh! Asas... dêem-me asas!... (*Num delírio febril*) Inês!... Inês!... Eu tenho medo... sinto medo da luz da eternidade!... Oh! Oh! O vento... ei-lo conosco! E as folhas secas!... (*Para o auditório*) Olhai as folhas secas!... É o beija-mão das árvores no Outono!... Vinde! Vinde!... (*Gradualmente, muito lentamente, vai ficando estático, numa postura assumidamente teatral, como uma estátua tumular: braços cruzados em frente do peito, olhos vítreos e boca ligeiramente aberta. Fica assim durante momentos.*)

*Atrás do ator deverá ver-se o trono iluminado, onde o vestido branco resplandece.*

*Os espetadores poderão pensar que o espetáculo terminou...*

**CENA X**  
**[CASTRO]**

*Começa a música In Memoriam.*

*Em êxtase, vai até ao pedestal, retira a coroa do assento e coloca-a ao lado do trono. Com o mesmo ar enlevado com que trouxe o vestido, abraça-o e repete a gestualidade e as réplicas da Cena IV. Só que desta vez não há sentimentos, não há violência na sua verbalização, apenas diz as frases de forma neutra, como se a sua memória estivesse em turbilhão e confundisse as personagens e as situações.*

*As movimentações seguintes aparentam ser um ritual já várias vezes repetido, uma necessidade de organizar os elementos cénicos numa determinada ordem predefinida, retirando-lhes a força simbólica que assumiram durante a representação e reduzindo-os a objetos apenas.*

*A música baixa sempre que há proferição, mas mantém-se audível durante a cena.*

Deus te guarde, senhor!  
Parece que algum mal te detém,  
Algum mal grande.  
Arranca-se a minha alma de mim mesma,  
Parece que quer voar para onde estás!...  
Eu fico...  
Eu fico só, mas inocente.  
Não quero mais ajudas, venha a morte!  
Morra eu, mas inocente.

*O ator faz um movimento com o vestido, como se o corpo de Inês tivesse desfalecido. Depois, carinhosamente, leva-o nos braços e acomoda-o no respetivo "túmulo". Fica a velá-lo.*

E pode, ó D. Inês, pode o teu peito  
Conceber tal receio? Aquele primeiro dia  
Que te vi não mostrou logo  
Que esta minha alma só à tua se deve?...  
Não poderá nunca a Fortuna, nem os homens,  
Nem as estrelas, nem os planetas, nem os fados  
Separar-me de ti!...  
Na tua mão deponho firme e segura  
A minha alma.

**CENA XI**  
**[PÊRO COELHO]**

*Mantém-se a música.*

*Vai até ao centro de cena, onde está tombado o manto de Pêro Coelho e, sem qualquer demonstração de rancor nem de violência, levanta-o, leva-o de mangas abertas à sua frente até ao pedestal. De frente para os espetadores, tendo o trono à sua esquerda, profere as réplicas de Pêro Coelho, condenando Inês. Tal como na situação anterior, as frases são proferidas de forma neutra.*

Senhor, para que é mais? Morra esta dama!  
A parte que nos cabe deste feito  
A nós a entrega toda, que somos obrigados  
A aconselhar-te o que achamos justo

Em serviço de Deus e bem do povo.  
A nossa intenção nos salve.  
O engano, se é nosso, só sobre nós caia.  
Essa licença basta. A nossa intenção  
Nos salvará com os homens e com Deus!...

*Dobra o manto zelosamente e coloca-a novamente no chão, onde estava antes.*

## CENA XII [PEDRO]

*Sem se deter, continua com a sua movimentação. Desta vez, vai até junto do caixote onde esteve o seu manto e, com o mesmo zelo com que tombou o caixote com o vestido de Inês, tomba-o também, para que os “pés” fiquem virados para dentro de cena, frente a frente, tal como os túmulos em Alcobaça. Realizada esta movimentação, com o manto ainda vestido, à cabeceira do seu próprio ‘túmulo’, olhando de frente o de Inês, profere as réplicas seguintes.*

Eu vivo pró Amor e prá Justiça... Mas para além da Justiça, e bem mais alto, há um rei que vos fala e não conheceis, que é rei de Portugal e anda na Morte porque é nela que vive o seu amor... O meu reino de segredo, sem fronteiras, o meu reino e amor abrange a Morte e a sua natureza de mistério... Há sete anos, há já sete anos... Desde que a minha Inês mudou para lá... O nosso amor tem duas asas... uma é a alma dela... outra é a minha... Vou bater à cova dela e chamo: Inês... É por lá que se vai para o outro reino... Não... não vou violar a Morte!... É uma ressurreição!... Nenhum homem, nenhum rei, ninguém na terra ousou... Porque ninguém na terra amou como eu... O nosso amor tem duas asas... uma é a alma dela... outra é a minha... Vou bater à cova dela e chamo: Inês...

## CENA XIII

*Repentinamente, começa a música O Corredor e acende-se um foco da esquerda baixa, rasante ao “túmulo” de Inês, que atravessa toda a cena. O ator fica estático durante momentos, criando no público a expectativa de que algo ‘sobrenatural’ vai acontecer.*

*Entram dois figurantes, vestidos com bata branca hospitalar, rosto tapado com uma máscara branca, que se colocam atrás do trono, um de cada lado. Um deles, o da esquerda, traz um copo com água e o outro, o da direita, uma pequena caixa de medicamentos. Olham o ator. Este, desfazendo a teatralidade, como se tivesse cometido alguma ilegalidade, despe o manto de Pedro e coloca-o, meticulosamente, em cima do túmulo, estendido, como um corpo. Submisso, dirige-se para o trono, onde se senta.*

*Mecanicamente, como num ritual várias vezes repetido, o ator abre os braços, como um sacerdote em oração, de mãos abertas à altura dos ombros. O figurante da direita coloca-lhe um comprimido na mão esquerda, que o ator leva à boca. O figurante da esquerda oferece-lhe o copo com água, o ator bebe e engole o comprimido.*

*Saem ambos e o ator continua sentado no trono, prostrado. Repete, em transe, olhando o ‘túmulo’ de Inês:*

[PEDRO] Há sete anos, há já sete anos... Desde que a minha Inês mudou para lá...

## CENA XIV [PEDRO – INFANTE]

*Apagam-se todos os focos da iluminação geral, exceto três: os dos ‘túmulos’ e o do trono.*

*Começa a música do início da peça: **Salve Me Lucto**. Tal como no início:*

Como poderei ver aqueles olhos  
Cerrados para sempre?  
Aqueles brancos peitos trespassados  
De golpes tão cruéis? Aquele corpo,  
Que tantas vezes tive nos meus braços  
Vivo, e fermoso, como morto agora,  
E frio o posso ver?... Meu amor,  
Já me não ouves? Já não te hei-de ver?  
Já te não posso achar em toda a terra?...  
Eu te matei, senhora, eu te matei.  
Com morte te paguei o teu amor.

*Em simultâneo, há fade out dos dois focos que iluminam os 'túmulos'. Fica um, que ilumina apenas o rosto do ator, tal como no início da peça.*

Tu, senhora, estás lá nos Céus, eu fico  
Em quanto te vingar: logo voo.  
Tu serás cá Rainha, como foras.  
Teu inocente corpo será posto  
Em estado Real: o teu amor  
M'acompanhará sempre, té que deixe  
O meu corpo co teu; e lá vá est'alma  
Descansar com a tua para sempre.

*Fade out da luz e a música sobe.*